

## REVOLUÇÃO DE 1930 E EDUCAÇÃO: UMA VISÃO DA POETA CECÍLIA MEIRELES

Mariana Batista do Nascimento Silva<sup>1</sup>  
Geraldo Inácio Filho<sup>2</sup>

### Introdução

Neste trabalho, analisa-se as crônicas publicadas nos anos 1930 por Cecília Meireles no jornal “Diário de Notícias”, na Página de Educação que a autora coordenava, no intuito discutir as ideias vinculadas por ela no jornal sobre a Revolução de 1930 e a postura do professor neste contexto de intensas mudanças políticas e educacionais.

Cecília Meireles - poeta, jornalista e educadora - estava, nos anos 1930, engajada com os movimentos pela educação, fazendo parte do grupo conhecido como “Pioneiros da Educação Nova”. Mantinha amizade e debates com personalidades importantes do cenário educacional da época como Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e João Frota-Pessoa. Desta forma, publicou ideias debatidas por eles em cartas na Página de Educação do Diário de Notícias e relatou visitas feitas às escolas expondo práticas pedagógicas comuns em sua época. Em vários textos discutiu o papel do professor e elementos que constituem a identidade profissional deste bem como o imaginário sobre a Revolução de 1930. Assim, em suas crônicas escritas para os jornais “*Diário de Notícias*” e “*A manhã*”, entre 1930 e 1933, mostra-se interessada em contribuir para a reforma educacional que se almejava no momento, discutindo diversos temas relacionados à educação como arte, política, literatura. A jornalista abre em sua página de educação uma importante discussão sobre aspectos da sociedade brasileira.

Nos anos 1920 e 1930, o Brasil passou por mudanças políticas importantes e no campo das artes, havia movimentos que buscavam a constituição de uma identidade nacional, valorizando as criações artísticas brasileiras, deixando de lado os modelos Europeus. Assim, seguindo o movimento renovador que se instalava nos vários domínios nacionais, tentou-se também reformar o sistema educacional vigente. Era preciso modernizar o pensamento em todas as esferas de atividades. Neste contexto, Cecília Meireles apresentava-se como

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsista da CAPES. Email: mariletras@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Email: geraldoinacio@terra.com.br

idealizadora do movimento educacional que investiu na valorização da arte e da cultura na escola e também na sociedade em geral, sendo o professor figura fundamental nas mudanças de concepção sobre educação na escola e, por isso, deveria participar ativamente da Revolução.

Esse foi também um período de construção do pensamento da autora quanto à literatura, em especial a literatura infantil. O ideário da cronista colocou em debate a literatura erudita e popular, a literatura moralizadora e sensibilizadora, na escola e as práticas dos professores referentes a este campo de conhecimento.

Nas crônicas que analisaremos, apresentava uma visão poética da prática docente e escreveu diversas crônicas sobre o papel do professor e o perfil desejável deste. Em várias crônicas associa a figura do professor às transformações educacionais. Seria ele o responsável por mudança de concepções, ações no âmbito educacional, o mediador entre o aluno e o conhecimento, determinando o que de fato seria fundamental para a formação de cidadãos. Meireles apontava em algumas crônicas o professor como fator de sucesso ou fracasso de questões educacionais como o surgimento da Escola Nova.

### **Representações literárias e históricas – 1930: a revolução e o professor**

Percebe-se o forte envolvimento de Meireles com as transformações ocorridas nos anos 1930, em especial nas suas crônicas publicadas no “Diário de Notícias”, que permite reconstruir, pelo prisma da poeta, a repercussão da Revolução de 1930 desde sua eclosão, relacionando três campos de estudos: o histórico, o educacional e o literário.

Na crônica “Sinal dos tempos”, publicada em 14 de novembro de 1930, a poeta explicita que as aspirações da Revolução de 1930 já haviam se iniciado havia tempo, fruto de uma coletividade que desejava mudanças sociais, políticas e econômicas no país, foco da elite intelectual brasileira. Além disto, chama a atenção dos educadores para o engajamento com a Revolução.

*A Revolução de outubro, surgindo como a explosão de inquietudes, desassossegos, aspirações e desesperos, acumulados desde muito tempo, e tendo a formidável repercussão que teve em toda a parte da alma nacional que não estava, propriamente, em atividade, nesse movimento, recebendo-o quase como uma surpresa feliz, significa estarmos, realmente, preparados para uma transformação radical de toda a nossa vida, pois as alterações políticas não são fenômenos*

*limitados a certos personagens, e certos cargos: representam, pelo contrário, a síntese das possibilidades coletivas.*

*Mais de uma vez temos chamado a atenção dos educadores para essa formidável esperança, embora sabendo que a muitos deles causará estranheza tamanho interesse por assunto que talvez lhes possa parecer alheio às suas cogitações (MEIRELES, 2001, vol. 2, p. 125).<sup>3</sup>*

Sodré Nelson Werneck (1987), ao analisar o advento da revolução, pontua o movimento armado de 1930 como um “momento de ruptura” seguido de uma fase de grande agitação de ideias em vários segmentos do país. O autor aponta mudanças espaciais, econômicas e sociais que levaram a concepções defendidas em 1930, como o crescimento das cidades, que alterou a vida e os costumes do povo brasileiro, provocando transformações sociais que poderíamos compreender como uma forma de mudança cultural também; questões estas que Meireles discutiu também nas suas crônicas simultaneamente aos fatos que fizeram acender a Revolução.

Ainda na crônica “Sinais dos tempos”, Cecília Meireles avalia a Revolução apenas como um passo para as transformações que deveriam acontecer, sem deixar de ser um marco crucial para a história e um “sinal” de tempos melhores para a educação — poderíamos dizer também no campo literário, já que o envolvimento de literatos no movimento refletiu os ideais de transformações nas páginas da história da literatura. O professor, segundo a poeta, deve-se manter atento, pois ele é elemento fundamental na formação das novas concepções, dos “homens vindouros”. A revolução foi para muitos intelectuais da época uma esperança de renovações políticas, econômicas e, sobretudo, sociais e culturais.

*A Revolução de outubro é apenas um pórtico para uma idade nova. Os que o puderam erigir — com a força do seu ideal, feito tanto da forma abstrata dos pensamentos como da pobre forma concreta dos corpos despedaçados — não o fizeram para si mesmos. Eles sabem que não há proporção entre o tamanho de uma Revolução e o de uma vida...*

*Fizeram-no, pois, pelos outros, e para os outros, para os que vêm depois, para os que se sucedem, para os que nunca terminam, — para a própria vida que, dentro de um limite geográfico, costuma ter o nome de Pátria.*

*Aqueles, pois, a quem com mais razão pertence o Brasil Novo de agora são os que, ainda pequeninos, apenas puderam abrir grandes olhos cheios de perguntas vendo passar os aviões de 24, que deixaram no céu cinzento da manhã inesquecível a inicial de inquietação brasileira.*

*Essa inicial deve prolongar-se no nome todo do futuro, para uma outra gente, diversa desta que a engendrou.*

*Agora, ela é o sinal dos tempos diferentes. O anúncio do que virá.*

*Como poderá o professor, que prepara os homens vindouros, estar condignamente na sua situação, se lhe passarem despercebidos os detalhes de cada acontecimento*

<sup>3</sup> Crônica: *Sinal dos tempos* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 14 de novembro de 1930).

*desta Revolução, que é, igualmente, uma Revelação?* (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 126).<sup>4</sup>

Dias depois, publicou mais uma crônica ressaltando a importância da revolução para a reforma educacional iniciada nos anos 1920. A poeta entende a Revolução como uma forma de corrigir vícios que prejudicavam o movimento educacional e posicionou-se favorável às mudanças propostas pelo novo governo.

*O momento educacional que atravessamos não admite opiniões contraditórias. Temos de acompanhar a evolução da vida, com a consciência esclarecida por experiências nossas e alheias, e amparadas já pela última Reforma de Ensino — única iniciativa que o próprio regime revolucionário não poderá atingir na sua orientação, entre as velhas coisas do regime passado, porque ela foi um raio de luz novo que, através de infinitas dificuldades, se conseguiu insinuar pela sombra daqueles tempos sem ideal.*

*E, lembrando o que foi a campanha que nos deu essa reforma, e imaginando o que vai ser, nos dias novos, o desenvolvimento do plano já traçado, e adotado nas suas linhas principais, ocorre-nos dizer alguma coisa sobre o perigo que corre no Brasil, — por esse vício de princípios que a Revolução deseja corrigir, — qualquer grande movimento social que de algum modo surpreenda a mentalidade geral* (MEIRELES, 2001, v. 4, p. 67).<sup>5</sup>

Continua sua ‘apologia’ aos preceitos da Revolução, criticando os opositores às mudanças no sistema educacional e aqueles que se valem de “medalhões” para se impor intelectual e socialmente. A atribuição de medalhões a personalidades ou intelectuais era comum, em sinal de respeito e de honra ao país. Euclides da Cunha, por exemplo, recebeu um medalhão em bronze e o dia 15 de agosto de 1930 foi instituído como Dia de Euclides da Cunha, em homenagem aos seus escritos.

*De modo que, em suma, os antagonistas da reforma não trouxeram, com a sua opinião, superficialmente ameaçadora, nenhum obstáculo sério à marcha educacional, pelos novos rumos.*

*O que foi, de certo modo, chocante, e poderia abalar o processo que transformou a escola suja, triste e anacrônica, do passado, na escola de transição, de hoje, com todo o tumulto das suas pesquisas e experiências, foi a arrogância com que muita gente, conceituada em certas rodas, se bem que não educacionais, começou a deitar o verbo, ora desvairado, ora pejorativo, sobre uma obra que, quando não fosse mais que a “tentativa de uma obra”, tinha de merecer o respeito de todos, surgindo como a coisa mais pura de quarenta anos de democracia enlameados por venalidades e explorações.*

*O Brasil tem como grande desgraça a ser combatida a pseudo-autoridade do “medalhão”. O “medalhão”, homem de “pose”, dado à intelectualidade”, falador e gesticulador, dizendo coisas floridas e ocas, tem sido o nosso pior inimigo, em política, em literatura, em arte, em ciência, em administração.*

*O “medalhão” fala de tudo, muito de alto, como rei de todos os assuntos. E além de falar, escreve.*

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Crônica: *Orfeões* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 8 de março de 1932).

*Ora, pela desgraça da desigualdade social, nem todos conhecem o mundo em que vivem, ainda quando esse mundo seja, apenas, por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro.*

*E muita gente acredita no “medalhão”. E até existe quem se fascine com o seu pseudoprestígio.*

*Os “medalhões” também se dão ao luxo de comentar coisas como a Reforma de Ensino...*

*E foram figuras dessas que andaram emitindo conceitos de fumaça para toldar a luz que vinha, sob a forma, tão desmoralizada, de lei, trazer ao Brasil-criança aquilo que a Revolução quis dar ao Brasil-humanidade.*

*Agora, quando a Diretoria de Instrução se normalizar, e se pensar a sério no que ela representa, na ordem das coisas, a Reforma de Ensino aparecerá em cena. Os “medalhões” aparecerão, também. Aparecerão com a sua ignorância, ou com algum estudozinho incipiente para dizer coisas “importantes”.*

*Que atitude se faz necessária em tal contingência?*

*A Revolução triunfou[...] A Revolução está aí, sobre as vidas e as mortes que clamam redenção.*

*Os homens da Revolução terão de falar...*

*Nós ouviremos. Ouviremos com a mais profunda atenção (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 127).<sup>6</sup>*

Segundo Sodré (1987), os anos 1930 são marcados por discussões, questionamentos e debates apaixonados que buscam a renovação e a reflexão sobre o Brasil. Vários intelectuais da época — como Mário de Andrade e Manuel Bandeira — discutiam a revolução. Em carta a Mário de Andrade datada de 29 de outubro de 1930, Manuel Bandeira comentava a repercussão da revolução no Rio.

*Antes de mais nada um abraço pela vitória da revolução. Saia o que sair deste movimento, o ar que se respira agora nestas horas de esperança não é mais aquela mistura de trampa e gás carbônico que constituía a atmosfera das últimas presidências. Para os paulistas então imagino o que não seja agora que estão livres do macaense fudilhão e bambambam.*

*Aqui houve momentos de desassossego com um tumulto em que se acredita agora ver manobras dos comunistas. Também apreensões causadas pelo ar um pouco “meninos, não briguem senão apanham” com que no primeiro manifesto se apresentou a junta; porém com a chegada dos revolucionários do Sul e do Norte fez-se o entendimento e a calma está voltando (MORAES, 2001, p. 464-465).*

Também Cecília Meireles foi participante ativa das buscas e debates sobre os sentidos da revolução, discutindo, no espaço que lhe era reservado na Página de Educação, questões de organização política da época que na sua concepção estavam extremamente ligadas às mudanças que deveriam ocorrer na educação (principalmente no que diz respeito à arte e à cultura dentro das instituições escolares). Demonstra várias vezes sua crença na transformação do país e defende a revolução como um processo de atitudes que não devem ser apenas promessas ou dizeres burocráticos.

<sup>6</sup> Crônica: *O momento educacional* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 25 de novembro de 1930).

*Todos sentem, pelos nomes que surgem nos cartazes administrativos, em certos postos de relevo do novo regime, que os senhores da Revolução estão lutando com a gravíssima dificuldade de escolher pessoas realmente capazes de, nestes novos tempos, agir de acordo com a intenção dos idealistas que determinaram esta mudança na ordem das coisas, para transformação do Brasil.*

*Na verdade, não é fácil, em muitos casos, reunir todas as qualidades necessárias para se assumir um compromisso administrativo, sem prejudicar, sem ferir, sem atentar contra o plano revolucionário que é ainda a mais bela esperança de uma vida de realizações integrais, com elevada orientação e elevados objetivos.*

*[...] De modo que, sondando com o pensamento esclarecido por experiências diretas o nosso panorama vindouro, temos que avistar desde já duas classes diversas participando da agitação educacional: uma que reagirá contra as inovações do ensino, ou por ignorância ou por parti pris, querendo atacar indivíduos, estragando-lhes a obra; outra, consciente da atualidade, consciente da sua responsabilidade, consciente da situação brasileira, e disposta a assegurar para o Brasil do futuro aquilo que a Revolução lhe prometeu dar, e que já está antecipadamente pago pelo sangue do espírito e do corpo dos heróis de verdade desta Revolução (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 129).<sup>7</sup>*

Assim, podemos entender que a revolução era vista por Cecília Meireles como um pontapé para promover transformações que poderiam não ser aceitas por aqueles que não acreditavam ou não desejavam mudanças sociais.

*Porque os que vão aparecer pedindo ou insinuando retrocessos à obra da educação são os de alma “legalista”, são os inimigos disfarçados da Revolução, são os que desejam o seu fracasso futuro, cortando, por uma dessas penadas arbitrárias, as possibilidades de evolução que o Brasil possa ter, através da obra educacional adequada aos tempos modernos.*

*Fazer revolução dever ser, com certeza, muito mais fácil do que assegurar revoluções[...] O passado do mundo nos mostra, aliás, essa necessidade de repetir a história para se consolidarem as aspirações. O exemplo deve servir para alguma coisa. Se viemos de um Brasil infelicidado pela má estrutura educacional dos seus próprios dirigentes, que corromperam com as suas práticas os próprios dirigidos bem-intencionados que houvesse, e se nos empenhamos em apagar a todo o transe a lembrança do passado maléfico, devemos fazê-lo não com palavras — oh! como o Brasil está fatigado de discursos! — mas com atos ponderados e justos.*

*O ato mais grave, talvez, que o governo terá a praticar será o que decidirá da sorte do problema educacional brasileiro. Para sua orientação possui duas obras educacionais que são o único legado de valor incontestável que por milagre nos deixou o regime passado: a Reforma de Ensino do Distrito Federal e a do Espírito Santo.*

*O que a Revolução fizer, em tal conjuntura, vai ser a definição do seu programa e, por ela, teremos a medida da envergadura dos seus homens.*

*Sabemos que a lábria humana encontra forças de audácia inesperadas, e sabe engendrar argumentos maquiavélicos[...] (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 130-131).<sup>8</sup>*

Passado o momento de euforia, a poeta, assim como outros intelectuais, passaram a entender a Revolução de 1930 como um golpe político sem realmente eleger como prioridades as tão almejadas transformações em busca da constituição de uma identidade

<sup>7</sup> Crônica: A responsabilidade da Revolução (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 27 de novembro de 1930).

<sup>8</sup> Idem.

brasileira. Os ideais da arte e da cultura na educação, fator de grande preocupação com foco para construção de elementos nacionais, foram abandonados, retrocedendo a velhos conceitos e ações, como a instituição da educação religiosa, além de se interromper as reformas no sistema educacional do Distrito Federal que se iniciaram nos anos 1920.

*Quando a Revolução agitou o Brasil de norte a sul, e, triunfante, apresentou o seu programa, a que a preocupação construtiva da nacionalidade emprestava um caráter nitidamente educacional, nós tínhamos três ou quatro reformas de ensino que eram, talvez, os únicos sintomas da vitalidade brasileira e a maior esperança de todos que acompanhavam com verdadeiro e profundo interesse os destinos da pátria.*

*Não se poderia pretender que, no pouco tempo da sua atuação, pudesse já o novo regime estabelecer os necessários planos para a organização educacional do Brasil Novo, embora se pudesse exigir que preservasse tudo quanto encontrou, organizado e em experimentação, porque — sabendo-se, como se sabe, que destruir é fácil e construir difícil — é sempre grande imprudência deitar por terra trabalhos lentamente elaborados, à custa de muito esforço e de muita boa vontade inteligente. Em que condições estão as reformas de ensino, que a Revolução encontrou organizadas, postas em prática eficientemente, e constituindo uma antecipação do seu próprio movimento, e núcleos de projeção capazes de assegurar a sua ideologia, pelo tempo afora, vencendo as resistências das circunstâncias que os movimentos súbitos abalam, mas nem sempre destroem?*

*Não nos compete responder.*

*Mas, seja qual for a resposta, ainda há esperanças, alimentando a obra educacional indispensável ao Brasil de hoje (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 135).<sup>9</sup>*

De fato, fora do Distrito Federal, houve iniciativas que reforçavam a concepção de educação como fator primordial para a identidade brasileira que se buscava nos anos 1920 e 1930. O ensino paulista, por exemplo, teve à frente de suas reformas, educadores de renome como Fernando Azevedo e Lourenço Filho, citado no trecho abaixo de uma das crônicas de Cecília Meireles. Nesta mesma crônica, a poeta cita várias iniciativas educativas em diferentes pontos do país como forma de reforçar a importância da educação e como este tem sido foco de preocupação no Brasil. Para a poeta, a reforma no Distrito Federal deveria ser prioridade e exemplo para outros Estados, como uma forma de se unificarem as ações em prol da educação.

*Primeiro, foi essa iniciativa de estudantes, fundando, aqui no Rio, um centro destinado a estudar a elaboração de um plano educacional completo — o plano que sugerem as reformas até aqui implantadas, e a que as circunstâncias impuseram um raio de ação limitado, malgrado a amplidão do espírito que as determinava.*

*Em seguida, um telegrama de São Paulo, anunciando que o interventor João Alberto projetava realizações de caráter educacional, naquele estado, abriu-nos perspectivas promissoras, tanto mais quanto é para esperar que, com o professor*

<sup>9</sup> Crônica: *As iniciativas educacionais de após-Revolução* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 19 de dezembro de 1930).

*Lourenço Filho à frente do ensino paulista, seja possível projetar-se e pôr-se em prática alguma coisa que não venha trair os interesses da criança.*

*A recente organização de uma Sociedade de Filosofia em que estudantes e professores tenham oportunidade de trocar ideias sobre o assunto, acrescida da declaração de seus organizadores de desejarem alguma coisa mais viva, mais sincera do que as faculdades demasiado acadêmicas, e com larguezas de vista que permitam a auscultação do pensamento humano em todas as suas variações, representa também um sinal bem claro da orientação para que se dispõem os novos tempos e as novas gerações.*

*Chega-nos agora um telegrama do Nordeste com uma notícia igualmente simpática. Na cidade de Santa Cruz, no estado do Rio Grande do Norte, foi fundada a Sociedade Educacional Santa-Cruzense, que se dedicará — diz o telegrama — à educação moral e física de seus associados.*

*Não é possível adivinhar o que seja, em tão remoto sítio, uma agremiação cujo programa nos chega apenas em duas linhas. Mas, uma sociedade que se denomina “educacional” deve saber o que está fazendo: porque a palavra educação é uma das mais graves e das mais nítidas da presente época.*

*Admitindo, pois, que não esteja mal empregada — como o desejamos — trata-se de mais um caso, a registrar, do interesse que o problema educacional começa a tomar entre nós, e nos mais inesperados pontos.*

*Porque a verdade é esta: a educação é uma aspiração coletiva, obscura, ainda, no subconsciente do povo, mas perfeitamente clara para os olhos dos que lhe sondam as inquietações.*

*É uma aspiração tão geral, tão profunda, tão intensa e extensa, que a própria Revolução não passou de um apelo para a transformação integral de que o Brasil carece: e só a educação, todos sabem, produz transformações integrais (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 136-137).<sup>10</sup>*

Cecília Meireles, na crônica “Um problema em evolução”, como em outras, elogia o posicionamento ideológico de Lourenço Filho quanto à educação e critica a falta de iniciativas educacionais no então Distrito Federal (Rio de Janeiro). Alega também que teme que aqueles que estão à frente do governo retrocedam a reforma que já se iniciara na capital antes da revolução. Neste mesmo texto, cita várias notícias sobre reformas educacionais que ocorrem em pontos diversos do país, como no Rio Grande do Norte e no Piauí, reiterando a importância da educação na reforma do sistema brasileiro e instituição de uma nação verdadeiramente brasileira. Cobra ações no campo da educação que partam do governo, propiciando diretrizes de uma reforma unificada no sistema educacional brasileiro.

*Queremos é acentuar que o problema educacional está vindo à tona em vários pontos do país e repetir, mais uma vez, que se nesses vários pontos se lhe der a solução adequada, teremos conseguido para toda a nação as mais favoráveis condições para a garantia da transformação que sustenta os ideais revolucionários. Do interventor João Alberto conhecemos dois atos recentes, sobre o assunto: ambos de caráter administrativo. Consistirá neles, apenas, a reforma à que aludiam telegramas anteriores? Ou serão, antes, uma preparação para ela? Continuamos em expectativa.*

---

<sup>10</sup> Idem.

*[...] Essas reformas existentes e mais outras que os interventores inteligentes irão promovendo noutros estados são o esboço da fórmula fecunda com que o governo poderá consolidar a sua obra. As transformações superficiais são efêmeras. É preciso transformar o povo através da obra grandiosa da educação nacional (MEIRELES, 2001, p. 139).*

A falta de diretrizes nacionais e a descentralização das iniciativas de reformas educacionais foram também retomadas no “Manifesto dos Pioneiros da Educação” como ponto-chave para que houvesse, de fato, solidez e identidade na educação brasileira.

*No entanto, se depois de 43 anos de regime republicano, se der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades do país. Tudo fragmentário e desarticulado. A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e frequentemente arbitrarias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, nos deixa antes a impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não em termos de serem despojadas de seus andaimes[...] (AZEVEDO, 1932).*

Os questionamentos da poeta em relação ao que ela considera “movimento revolucionário” passam também pelo crivo das tradições. Na crônica “Espírito de justiça”, além de reivindicar “espírito de justiça” nas ações do governo para a constituição de um “Novo Brasil”, questiona se tudo do regime anterior era realmente ruim ou se se poderiam, após a revolução, desprezar todos os ideais presentes anteriormente sem apresentar propostas equivalentes. Não seria, pois, possível apagar toda a história do Brasil até o advento da revolução para começar do nada.

*Acreditamos que poucas sejam as coisas inteiramente aproveitáveis no Brasil realizado até o advento da Revolução. Parece mesmo que até então havia pouco interesse em realizar o Brasil. Bem. Os revolucionários querem justamente isso, que era assunto de apagada importância, no regime que combateram. E têm de pôr mãos à obra, para que qualquer dia não venha alguém dizer deles o mesmo que eles disseram dos outros[...]*

*Têm de pôr mãos à obra. Desde onde vão começar a construir? Não sei. E tenho a impertinência de crer que muita gente não saberá, também, como eu[...]*

*Porque se tudo for inaproveitável[...]*

*Não: vamos pensar razoavelmente, e com justiça. Há uma obra, pelo menos, que se salva, de todo o grande caos passado. Há uma obra, que, embora suscetível de desenvolvimento, contém em si todo o Brasil, e, por isso mesmo, merece particular atenção do governo atual: a obra de educação projetada na Reforma de Ensino do Distrito Federal.*

*[...] Esta Revolução, pois, sob pena de se tornar contraditória e imperdoavelmente injusta, deve considerar com elevação a única obra que, dentro de um regime de erros e*

*fraquezas, nasceu com um destino diferente, e uma ansiedade melhor de futuro e de humanidade (MEIRELES, 2001, v. 2, p. 143).<sup>11</sup>*

Na análise das concepções de Cecília Meireles sobre arte e cultura, é primordial considerar dois acontecimentos: a Semana de Arte Moderna, que marcou a busca de intelectuais brasileiros pela verdadeira “cara do Brasil” e o “Manifesto dos Pioneiros da Educação”. Ambos os movimentos primavam pela busca de uma identidade nacional, sendo que o primeiro colocou a questão da cultura em primeiro lugar, e o segundo passou a considerar a sociologia como fonte para a construção de uma nacionalidade.

*O Brasil tem uma data para a renovação de suas ideias no campo da Cultura como tem uma data para o mesmo fenômeno no campo da Educação. A primeira se situa no ano de 1922, a segunda dez anos mais tarde. Os dois acontecimentos possuem entretanto antecedentes diversos. A renovação cultural desejada pela Semana da Arte Moderna em São Paulo não se desviou da linha estetizante que foi durante todo o século XIX a fonte de inspiração da intelectualidade brasileira. A renovação pedagógica entretanto procurou introduzir nas nossas tradições um novo elemento, um fermento diverso: por motivos que não são muito claros, talvez pela importância crescente dos Estados Unidos, talvez com a experiência intelectual de alguns dos nossos educadores, o fato é que aos poucos se foi criando entre nós um gosto pela pedagogia norte-americana e seus novos métodos de formação e educação do homem (MELLO, 1986, p. 46).*

Assim, intelectuais norte-americanos como John Dewey influenciaram as ideias sobre a arte e cultura na escola, sendo que este também pensava a educação como meio de formação cultural e, desta forma, responsável em grande parte pra constituição da identidade coletiva ou individual na sociedade.

Neste contexto de intensas mudanças, Cecília Meireles enfatizava o papel do professor. Na crônica “O problema do professor” ressalta que uma nova postura educativa, a construção de um novo ambiente de aprendizagem é trabalhoso e o professor precisa se dispor à mudança, à construção de novos ideais.

*Se os resultados obtidos podem dar essa satisfação, dever-se-ia crer que sim; mas esses resultados exigem uma intensidade de aplicação tão grande e atenta da parte do professor, que é lícito supor não seja sempre a Escola Nova uma realidade das mais simpáticas para ele.*

*E isso é que conviria estudar com precisão. A Escola Nova está certa desde que conte com a solidariedade do professor. Escola Nova com professor que a contraria e que se contraria é tempo perdido e ilusão sem futuro (MEIRELES, 2001, v.1, p.123).*

Sobre o engajamento do professor nas reformas, Meireles faz referência ao movimento pedagógico e aos “Pioneiros da Educação” e defende a Escola Nova:

---

<sup>11</sup> Crônica: *Espírito de justiça* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 14 de janeiro de 1931).

*Aqueles que estão a par do atual movimento pedagógico bem sabem que a Nova Educação, que se vem estabelecendo em todo o mundo moderno, e que entre nós se exprime pela reforma do dr. Fernando de Azevedo, não poderá vir a ser posta em prática eficientemente se, pari passu, não for acompanhada da necessária transformação da Escola Normal, permitindo a formação adequada de professores para o novo regime (MEIRELES, 2001, v. 3, p. 169).*

Ainda sobre a questão do professor e o movimento pela Escola Nova, na crônica “Formação do professor [II]”, critica as escolas de formação de professores que formam profissionais incompatíveis com os ideais do movimento pela Escola Nova: “temos para realizá-la um professorado que ainda continua vindo de uma Escola Normal atrasadíssima, incapaz de preparar elementos em harmonia com a função que deverão exercer”.

Além destas questões, encontramos nas crônicas de Cecília Meireles temas relacionados ao professor como civismo, música, teatro e outras artes, formação profissional e pessoal, política, religião, sociedade, que traçam, no prisma da cronista, a imagem desejada em contradição com a real do professor nos anos 1930.

Nas suas crônicas, a poeta expõe que a Nova Educação estava a favor da sociedade, diferente de outros movimentos que não estendiam suas reflexões somente “à escola, à criança e ao professor”, visualizando, na verdade, a educação como norteadora de várias instituições sociais que devem ser vislumbradas conjuntamente.

*A nova Educação tem, principalmente, essa vantagem: de não se dirigir apenas à escola, à criança e ao professor. Ela atua sobre a família, a sociedade, o povo, a administração. Ela está onde está a vida humana, defendendo-a, justamente, dos agravos que sobre ela deixam cair os homens que se converteram em fantoches, movidos por interesses inferiores, esquecidos das altas qualidades e dos nobres desígnios que definem a humanidade, na sua expressão total (MEIRELES, 2001, v. 3, p. 170).*

Na Nova Escola, o professor teria mais que a responsabilidade em ensinar, seria ele responsável pela conservação e transformação do presente e, por conseguinte, do futuro. Este profissional que quer exercer sua profissão estaria defendendo uma causa e envolvido numa questão nacional: a constituição de uma nação por meio da educação. Afinal, segundo Meireles:

*O educador não é o burocrata que vai à escola como uma repartição, limita a sua atividade de funcionário a meia dúzia de horas diárias, e respeita o prestígio das autoridades: é a criatura construtora de liberdade e progresso harmoniosos, que, vivendo no presente, está sempre investigando o futuro, porque é nesse futuro, povoado de promessas de vida melhor, que o destino de seus discípulos se deverá realizar com toda a plenitude (MEIRELES, 2001, v. 3, p. 144).*

De certo, Cecília Meireles se preocupou muito com a formação profissional de professores como uma forma de iniciar reformas eficazes na educação. Esta também foi a preocupação de vários outros intelectuais que se ocuparam com o problema de educação brasileira nos anos 1920 e 1930.

Mas a formação do professor deve ocorrer também quando este não frequentar bancos escolares, pois este se deve manter vigilante as mudanças que ocorrem diariamente na educação. Devem se manter atualizados.

*Estar sempre vigilante ao que se passa nos terrenos da educação moderna, tão revolvidos neste momento, tão semeados e tão produtivos, é uma necessidade do educador atual, responsável pela mais grave questão de todos os tempos: a formação da humanidade.*

*Para que não lhes aconteça o que sucede a professores descuidados que estacionam nos conhecimentos adquiridos num passado de rápida velhice, desejaríamos que estes quinze dias de folga fossem quinze dias de repousante estudo (MEIRELES, 2001, v.2, p. 52)<sup>12</sup>.*

De acordo com Meireles, o professor deve ser consciente de suas responsabilidades em relação à sociedade, pois ele é responsável pela “formação da humanidade”.

## Conclusão

Cecília Meireles defende o nacionalismo na educação e mostra, durante o início dos anos 1930, grande preocupação com a questão da arte na escola por meio da educação artística, mantendo-se sempre atenta a mudanças e ações relacionadas ao tema. Assim, seria a Revolução o meio de promover as mudanças defendidas por Cecília Meireles e os Pioneiros da Educação. Seria, desta forma, o professor uma figura importante neste processo, tanto como cidadão ativo na Revolução quanto fomentador dos ideais desse evento na escola. Vale lembrar que foi com a reforma educacional iniciada juntamente com a Revolução de 1930, que a arte não só ganhou lugar na grade de disciplinas escolares, mas se fortaleceram estudos sobre a arte na escola.

Entre os ideias defendidos nos anos 1930 na Página de Educação dirigida pela poeta, ainda hoje se discute a arte na escola como sensibilização, não como ensino de uma técnica, evidenciando a ligação entre o pensamento sobre arte e cultura que permeou o período dos

---

<sup>12</sup> Crônica: *As férias de junho* (Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 18 de junho de 1930).

anos 1930. O ensino de música, de artes em geral, o ensino religioso ainda são temas atuais, questões ainda a serem vencidas mesmo depois de mais de 80 anos.

## BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antônio (org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Rio de Janeiro: fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 5, n. 11, abril 1991, p. 192.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles e o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Manolita Correia. *A Engenharia da Produção Acadêmica*. São Paulo: Unidas, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NEVES, Margarida de Souza. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz (orgs). *História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual*. 3ed Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2006.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 6ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. 5ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.